



# Natura 2000 na Região Atlântica



COMISSÃO  
EUROPEIA



ambiente

**Comissão Europeia**  
**Direcção-Geral do Ambiente**

**Autor:** Kerstin Sundseth, Ecosystems LTD, Bruxelas

**Editor:** Susanne Wegefelt, Comissão Europeia, Unidade B2, Natureza e Biodiversidade, 1049 Bruxelles, BÉLGICA

**Colaboração:** John Houston, Mats Eriksson

**Agradecimentos:** Centro Temático Europeu para a Diversidade Biológica e Universidade Católica de Lovaina, Departamento SADL, pelos dados necessários à elaboração dos quadros e mapas

**Grafismo:** NatureBureau International

**Fotografias.** Capa: Machair, Outer Hebrides, Reino Unido; Lorne Gill/SNH; Imagem: Paul Goriup, Peter Creed, M. Stock, [www.burrenbeo.com](http://www.burrenbeo.com). Contracapa: The Burren, Ireland; [www.burrenbeo.com](http://www.burrenbeo.com)

Para mais informações sobre Natura 2000, consulte <http://ec.europa.eu/environment/nature>



# Índice

Região atlântica: a orla ocidental da Europa .....	p. 3
Espécies da Natura 2000 na região atlântica .....	p. 5
Mapa dos sítios da Natura 2000 na região atlântica .....	p. 6
Tipos de habitats da Natura 2000 na região atlântica .....	p. 8
Aspectos relacionados com a gestão na região atlântica .....	p. 10

*Europe Direct é um serviço que responde às suas perguntas sobre a União Europeia*

Linha telefónica gratuita (\*):  
**00 800 6 7 8 9 10 11**

*(\*) Alguns operadores de telefonia móvel não permitem o acesso aos números iniciados por 00 800 ou cobram estas chamadas*

Para mais informações sobre a União Europeia consulte: <http://ec.europa.eu>

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2010

© Comunidades Europeias, 2010

2010 — 12 p. — 21 x 29,7 cm

ISBN 978-92-79-13249-0

doi:10.2779/66503

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte. As fotografias estão sujeitas a direitos de autor, não podendo ser utilizadas sem a prévia autorização escrita dos seus autores.

*Printed in Belgium*

Impresso em papel reciclado ao qual foi atribuído o rótulo ecológico da União Europeia para papel destinado a fins gráficos  
<http://ec.europa.eu/environment/ecolabel>





Costa da Jutlândia, Dinamarca. Fotografia © John Houston

## Região atlântica:

### a orla ocidental da Europa

A região atlântica vai desde o norte do Reino Unido e da Irlanda até às costas setentrionais de Espanha e Portugal, abrangendo a totalidade dos Países Baixos e parte da Alemanha, Dinamarca, Bélgica e França. A distância em relação ao mar nunca é superior a 300 km. Além disso, como a maioria dos solos são planos e de fraca elevação, o clima oceânico influencia uma grande extensão do interior do continente, tornando os Invernos suaves e os verões frescos, com ventos predominantes de oeste e precipitação moderada ao longo do ano.

Esta região abrange cerca de metade do recortado litoral europeu e dois dos mares mais produtivos no mundo: o mar do Norte e o nordeste do Atlântico.

A força das marés, do vento e das ondas, actuando sobre as camadas sobrepostas de rocha e de pedras sedimentares, menos duras, são os principais responsáveis pela formação deste litoral muito diversificado e dinâmico, rico em habitats e espécies. As arribas varridas pelo vento, os promontórios rochosos e as enseadas formadas pela variação das marés contrastam com extensas praias de areia, baías protegidas e extensos sapais nas zonas intertidais.

Vários dos principais rios da Europa [Gironde (Dordonha e Garona), Loire, Reno, Tamisa, Sena, Schelde (Escalda)], desaguam na costa atlântica, formando vastos estuários de elevado valor económico e biológico.

Em termos de espécies, a região atlântica poderá apresentar níveis de biodiversidade menos elevados do que outras regiões, mas compensa amplamente este facto com uma grande abundância de vida animal. O mar de Wadden (Frísia), por si só, acolhe cerca de 12 milhões de aves migratórias em várias épocas do ano.

Esta abundância de vida está igualmente presente no mar. A corrente do Golfo, que chega até à costa norte da Escócia e Noruega, traz consigo águas quentes ao longo de todo o ano e uma riqueza de nutrientes, vindos da zona das Caraíbas. Nas águas menos profundas da plataforma continental e do mar do Norte, estas condições criam um ambiente ideal para uma grande variedade de organismos marinhos, desde o plâncton, crustáceos, bivalves e espécies piscícolas até às aves marinhas e aos mamíferos, no topo da cadeia alimentar.

O Atlântico Nordeste é, de facto, um dos mares mais ricos do mundo, mas também um dos mais explorados. Como tal, está constantemente exposto à pressão da sobrepesca, da poluição e do tráfego marítimo.

Em terra, a situação é muito diferente. O último período da era glacial, que terminou há cerca de 10 000 anos, teve um impacto considerável na redução da biodiversidade na região. A história da actividade humana ao longo dos anos também teve a sua quota-parte de responsabilidade nesta situação, provocando frequentemente alterações e danos no meio ambiente.

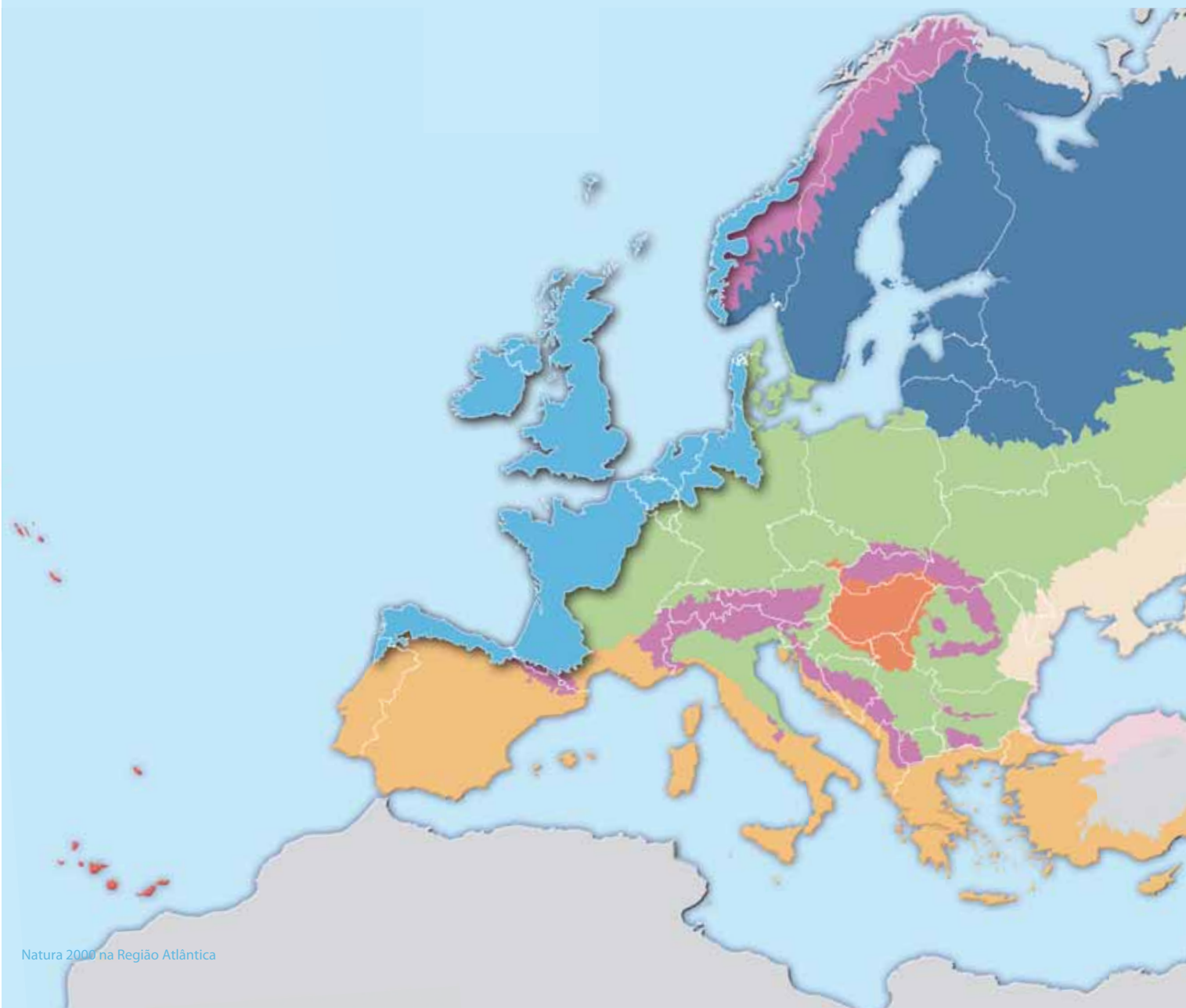
Em condições naturais, as florestas seriam o habitat dominante, porém foram sistematicamente devastadas desde os tempos da Idade Média. Uma topografia ondulada e longos períodos favoráveis ao crescimento das plantas e animais oferecem condições ideais para os modernos sistemas de produção, que ocupam actualmente uma parte significativa da paisagem rural.

Hoje em dia, a paisagem é predominantemente agrícola, alternando com áreas densamente urbanizadas. Consequentemente, muitos habitats naturais e seminaturais só existem em locais isolados, fragmentados e dispersos numa paisagem fortemente artificial. A poluição provocada pela utilização intensiva de pesticidas ou fertilizante e pelos efluentes industriais vêm agravar estes problemas.

A região atlântica é, na realidade, uma das zonas mais exploradas e com maior densidade populacional da Europa. Nela vivem e trabalham mais de 100 milhões de pessoas (quase um quarto da população da União Europeia). Mesmo fora de capitais como Paris, Londres, Bruxelas ou Amesterdão, a densidade populacional pode atingir em certas zonas 360 habitantes/km<sup>2</sup>. Esta situação traduz-se numa enorme pressão sobre o ambiente natural e coloca-nos perante o grande desafio da conservação das espécies e habitats raros, tanto dentro como fora dos sítios Natura 2000.

Região	Países abrangidos	% do território da UE
Atlântica	Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Irlanda, Países Baixos, Portugal, Reino Unido	18,4
Boreal	Estónia, Finlândia, Letónia, Lituânia, Suécia	18,8
Continental	Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Eslovénia, França, Itália, Luxemburgo, Polónia, República Checa, Roménia, Suécia	29,3
Alpina	Alemanha, Áustria, Bulgária, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Itália, Polónia, Roménia, Suécia	8,6
Panónica	Eslováquia, Hungria, República Checa, Roménia	3,0
Estépica	Roménia	0,9
Mar Negro	Bulgária, Roménia	0,3
Mediterrânica	Chipre, Espanha, França, Grécia, Itália, Malta, Portugal	20,6
Macaronésica	Espanha, Portugal	0,2

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente), <http://biodiversity.eionet.europa.eu>, Outubro de 2008.



# Espécies Natura 2000 na região atlântica

Apesar das condições climáticas favoráveis, o número de espécies existentes na região atlântica é relativamente baixo, devido aos efeitos prolongados da última glaciação e à longa história de povoamento humano. Podem encontrar-se aqui 52 das espécies vegetais enumeradas no anexo II da Directiva Habitats, das quais 14 são endémicas. A taxa de endemismo é a mais baixa de todas as regiões biogeográficas e limita-se em geral à região norte da Península Ibérica.

Muitas das espécies vegetais do referido anexo II estão estreitamente associadas aos habitats atlânticos típicos e incluem os prados de *Festuca summilusitana*, que se encontram apenas nas charnecas costeiras setentrionais da Península Ibérica, a *Angelica heterocarpa*, abundante nas margens dos estuários da costa atlântica francesa, e a genciana-temporã (*Gentianella anglica*), nos prados calcários do Reino Unido.

Também se encontram briófitas em abundância, entre as quais a rara *Petalophyllum ralfsii*, circunscrita aos escassos habitats das depressões húmidas intradunares. Esta espécie constitui um excelente indicador da saúde global dos sistemas dunares dinâmicos, dado que a sua sobrevivência exige a formação de novas depressões húmidas pelo vento e a espécie não se encontra em dunas sobre-estabilizadas.

Em termos de fauna, a região atlântica alberga 80 espécies enumeradas na Directiva Habitats. Mais de um terço são invertebrados, de borboletas e libélulas raras a gastrópodes terrestres, como o minúsculo *Vertigo angustior* e o mexilhão-de-água-doce (*Margaritifera durrovensis*), endémico da região. Podem também encontrar-se diversas espécies de morcego nas regiões fronteiriças da Bélgica e da França, onde os extensos sistemas de grutas e de antigas fortificações são sítios ideais para a nidificação destas espécies.

A região atlântica é provavelmente mais conhecida pela sua abundante vida marinha. As maiores concentrações de focas comuns na Europa vivem nas costas das ilhas britânicas e do mar de Wadden. O roaz-corvineiro e o boto estão presentes em grande número em toda a costa, da Dinamarca ao norte de Espanha. Embora as suas populações pareçam elevadas (350 000 indivíduos), estes animais são muitas vezes capturados



Fotografia © Jim Asher

## Euphydryas aurinia

A borboleta-do-sapal (*Euphydryas aurinia*) é uma espécie característica dos habitats formados por prados húmidos ou secos ricos em flores. Depende totalmente de uma única planta hospedeira, a morso-diabólica (*Succisa pratensis*), que se encontra em abundância nas zonas de pastoreio extensivo. A espécie sobrevive em meta populações evolutivas, formadas por um conjunto de subpopulações interligadas que podem frequentemente desaparecer e regenerar-se um pouco mais longe.

Muitos dos terrenos rurais não urbanizados desapareceram no último século, provocando uma grande fragmentação dos habitats que restaram e uma quebra acentuada nas populações de borboletas na Europa. Hoje em dia, a borboleta só sobrevive nas regiões onde existe um conjunto suficiente de sítios adequados, integrado em espaços rurais mais vastos, que permita o ciclo natural de recolonização e de extinção local. A sua conservação exige, assim, uma abordagem paisagística do território.

durante as actividades de pesca dirigidas a outras espécies e estão expostos aos efeitos nocivos de poluentes como o PCB, o cádmio e o mercúrio, que se acumulam no seu organismo.

Nesta zona também se encontra um elevado número de aves aquáticas e limícolas, nomeadamente no Inverno, quando fogem ao rigor climático da região ártica e se abrigam nas zonas húmidas costeiras do Atlântico e do mar do Norte, ricas em nutrientes.

Fotografia © Scottish Natural Heritage



## Saint Kilda: a maior colónia de aves marinhas na Europa

Localizadas 70 km a oeste das Hébridas Exteriores, na Escócia, as remotas ilhas vulcânicas de Saint Kilda servem de refúgio à maior colónia reprodutora de aves marinhas do Atlântico Nordeste e, provavelmente, de toda a Europa. Durante os meses de Verão, cerca de meio milhão de aves lutam por um espaço nos cumes rochosos. Entre elas encontra-se a maior população nidificante do mundo de alcatrazes-setentrionais, para além de fulmares, papagaios-do-mar, painhos-de-cauda-forcada, gaivotas, airos e pardelas.

As aves são atraídas pela abundante vida marinha das águas claras à volta das ilhas e pela presença reduzida de pessoas e de predadores. No entanto, a recente quebra no número de indivíduos é motivo de preocupação. As razões exactas ainda não são conhecidas, mas uma das explicações pode estar na acentuada diminuição da população de galeotas, provocada pela pesca ou pelas alterações climáticas.

Montanhas Falcon, Upper Teesdale, Reino Unido, *Primula farinose*, © Peter Creed

## Mapa dos sítios Natura 2000 na região atlântica

A lista dos sítios Natura 2000 na região atlântica foi adoptada em Dezembro de 2004, tendo sido actualizada pela primeira vez em Novembro de 2007 e posteriormente em Dezembro de 2008. Em conjunto, a região atlântica possui 2 747 sítios de importância comunitária (SIC) abrangidos pela Directiva Habitats, que cobrem mais de 109 500 km<sup>2</sup>, e 882 zonas de protecção especial (ZPE) ao abrigo da Directiva Aves. Por vezes, os SIC e as ZPE sobrepõem-se, o que significa que os números não são cumulativos. Contudo, estima-se que, no seu conjunto, os SIC e as ZPE abrangem mais de 8% da superfície terrestre desta região.

### Número de tipos de habitat do anexo I e de espécies ou subespécies do anexo II da Directiva Habitats

Região	Tipos de habitat	Animais	Plantas
Atlântica	117	80	52
Boreal	88	70	61
Continental	159	184	102
Alpina	119	161	107
Panónica	56	118	46
Estépica	25	25	14
Mar Negro	58	79	6
Mediterrânica	146	158	270
Macaronésica	38	22	159

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente) <http://biodiversity.eionet.europa.eu>.

- Os valores não são cumulativos, já que diversos habitats e espécies estão presentes em duas ou mais regiões biogeográficas.
- As aves enumeradas no anexo I da Directiva Aves não foram incluídas, já que não se encontram classificadas por região biogeográfica.

Região	N.º de SIC	Superfície total coberta (km <sup>2</sup> )	Superfície coberta em terra (km <sup>2</sup> )	% da superfície total em terra	N.º de ZPE	Superfície total coberta (km <sup>2</sup> )	Superfície coberta em terra (km <sup>2</sup> )	% da superfície total em terra
Atlântica	2 747	109 684	68 794	8,7	882	76 572	50 572	6,4
Boreal	6 266	111 278	96 549	12,0	1 165	70 341	54 904	6,8
Continental	7 475	150 014	135 120	10,8	1 478	147 559	128 432	12,4
Alpina	1 496	145 643	145 643	39,7	365	93 397	93 397	31,1
Panónica	756	15 858	15 858	12,3	100	19 965	19 965	17,5
Estépica	34	7 210	7 210	19,4	40	8 628*	8 628*	24,4
Mar Negro	40	10 243	8 298	71,8	27	4 100	3 561	30,8
Mediterrânica	2 928	188 580	174 930	19,8	999	147 358	142 350	16,0
Macaronésica	211	5 385	3 516	33,5	65	3 448	3 388	32,3
<b>TOTAL</b>	<b>21 612</b>	<b>655 968</b>	<b>568 463</b>	<b>13,3</b>	<b>5 004</b>	<b>486 571</b>	<b>429 615</b>	<b>10,5</b>

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente), <http://biodiversity.eionet.europa.eu>, Outubro de 2008.

— As ZPE e os SIC não são cumulativos, na medida em que há uma sobreposição considerável.

— Certos sítios encontram-se na fronteira entre duas regiões biogeográficas e a base de dados não permite separá-los pelas regiões em causa. Assim, alguns desses sítios poderão ser contabilizados duas vezes.

— Não se encontram disponíveis as percentagens da superfície ocupada por água.

— As ZPE não são seleccionadas em função da região biogeográfica.

— A superfície das ZPE da região estépica foi calculada com base nos dados disponíveis no Sistema de Informação Geográfica (SIG).



Foto © K. Sundseth



2 Glenveagh



Foto © M. O'Britain

3 Bass Rock

Foto © Sue Scott/SNH

Foto © www.burrenbeco.com



1 Burren

- SIC
- ZPE
- ZPE e SIC

Mapa baseado nas coordenadas dos sítios fornecidas pela Comissão Europeia através da Universidade de Lovaina, Departamento SADL, Outubro de 2008

Foto © Mike Read



Foto © English Nature

5 Charnecas de Dorset

Foto © Peter Creed



4 Upper Teesdale



Foto © Unknow

6 Rio Varde

Foto © E. Barbelette, LPO



Foto © Peter Creed



10 Aquitânia



Foto © M. Stock

7 Mar de Wadden



Foto © Lorne Gill/SNH

Natura 2000 na Região Atlântica



11



Foto © SEO

11 Ria de Vigo

Foto © www.igoenfotos.com



Foto © K. Taskinen

9 Floresta de jacintos azuis em Halle



Foto © Jim Asher



Foto © Natuurmonumenten

8 Nieuwkoopse plassen



Dunas na Aquitânia, França, © Jean Favennec, Office National des Forêts, Imagem: Dune hound's tongue, © Peter Creed

## Tipos de habitat Natura 2000 na região atlântica

No total, a região atlântica alberga 117 tipos de habitats enumerados na Directiva Habitats (um pouco mais de metade do número total). Este elevado número deve-se ao clima ameno da zona e à riqueza dos solos, à sua estreita relação com as regiões continentais e mediterrânicas que partilham os mesmos habitats e, em especial, à diversidade e extensão do seu litoral. Cerca de metade dos habitats costeiros e halofíticos da directiva estão presentes nesta região, tal como 17 das 21 dunas costeiras e interiores.

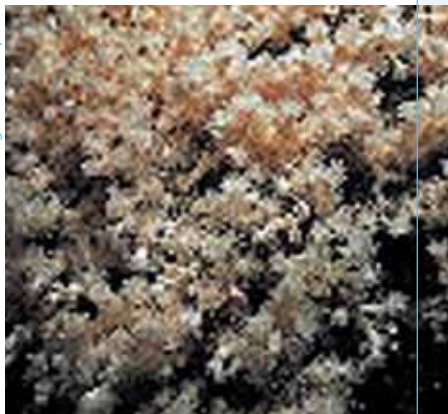
A variedade de dunas é particularmente impressionante, incluindo dunas móveis, dunas cinzentas, dunas de charneca descalcificada, dunas arborizadas e *machairs*. Este tipo de habitat abriga inúmeras espécies vegetais endémicas raras, tais como a *Rumex rupestris* ou a *Omphalodes littoralis*. O *machair* é um dos raros tipos de habitat que só se encontra na região atlântica.

Presentes exclusivamente na Irlanda e no norte do Reino Unido, estes prados arenosos costeiros albergam uma profusão de plantas que produzem flores e revestem-se de especial importância para as aves costeiras que nidificam no solo, como o pilrito-comum, o pintarroxo-de-bico-amarelo e o borrelho-grande-de-coleira.

Como a maioria dos habitats costeiros não rochosos, os sistemas dunares são dinâmicos e móveis. Desempenham uma função importante na redução do impacto erosivo do mar, absorvendo a energia das ondas e garantindo uma transição que é vital entre a terra e a água. Infelizmente, mais de 50% das dunas atlânticas desapareceram ou foram transformadas desde os anos 50. O turismo e o desenvolvimento urbano são as principais causas deste fenómeno, embora o reflorestamento também tenha tido um impacto importante em certas áreas, nomeadamente ao longo da costa da Aquitânia, no golfo da Biscaia.

Outros habitats costeiros típicos da região atlântica incluem os sapais das zonas intertidais e os prados salgados, que se desenvolvem em áreas da costa mais protegidas, como por exemplo na boca de um estuário ou atrás de ilhas ou bancos de areia. A grande amplitude das marés e o elevado gradiente de salinidade dão origem a uma rápida sucessão de vegetação halófila no litoral. As zonas pantanosas escassamente cobertas dão lugar a um tipo mais diverso de vegetação nos sapais. Séculos de

Fotografia © Greenpeace



### Recifes de coral de águas frias

A *Lophelia pertusa* é um coral que forma recifes em alto mar e cresce nas escarpas submarinas do oceano Atlântico, a uma profundidade de 200 metros ou mais. Os recifes de *Lophelia* estendem-se da Irlanda a Portugal. À semelhança dos seus homólogos de águas quentes, os recifes de *Lophelia* apresentam um elevado nível de biodiversidade. Até ao presente, registaram-se cerca de 850 espécies. No entanto, contrariamente aos corais tropicais, não contêm algas simbióticas, servindo-se das fortes correntes para obter alimento.

Geralmente, formam lençóis de corais com cerca de 10 a 50 m de extensão e vários metros de altura. No golfo da Biscaia o seu crescimento é tal que formam extensos maciços, com vários quilómetros de comprimento. A sua estrutura delicada e o crescimento lento (6 mm por ano) fazem com que a *Lophelia pertusa* seja particularmente vulnerável aos danos físicos. A principal ameaça decorre das actividades de pesca, sobretudo do arrasto de fundo, que destrói a estrutura dos recifes. Estima-se que até um terço destes recifes de coral de águas frias já terá sido danificado, mas desconhece-se o seu estado global de conservação.



Planície de Salisbury, Reino Unido, © Steven Davis, English Nature, Imagem: Alcaravão, © Mike Read

pastoreio pelo gado domesticado contribuíram para desenvolver esta diversidade.

O complexo mosaico de sapais e de zonas pantanosas é particularmente importante para a fauna e flora selvagens. Apesar da reduzida diversidade de espécies, as zonas pantanosas sujeitas à variação das marés albergam densas populações de invertebrados, que formam uma biomassa global extremamente elevada. Essa abundância faz com sejam pontos de paragem e de invernada que atraem numerosos limícolas e outras aves aquáticas.

Mais para o interior, o interesse da conservação reside sobretudo nos habitats cuja origem está em práticas de gestão pouco invasivas, como as pastagens naturais e seminaturais. No total, os prados cobrem cerca de 30% da região atlântica e, embora a maioria tenha sido transformado ou empobrecido pela agricultura intensiva, ainda se podem encontrar importantes vestígios de habitats ricos em espécies. Esta região comporta 17 tipos diferentes de habitats enumerados na Directiva Habitats, incluindo várias formas de prados calcários, ricos em plantas calcícolas e borboletas.

A charneca é outro habitat típico da região atlântica. As bolsas de charnecas da planície atlântica estão disseminadas por toda a região desde as costas setentrionais da Dinamarca até às arribas costeiras de Espanha e Portugal. Alguns tipos de charneca,

como as charnecas atlânticas húmidas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*, assim como a charneca atlântica seca de *Erica vagans*, tornaram-se tão raros que passaram a ser prioritárias no âmbito da Directiva Habitats.

A forte precipitação e a fraca evaporação da região atlântica também favoreceram a formação das características turfeiras de cobertura e dos habitats de paul. O Reino Unido e a Irlanda possuem as maiores extensões de turfeiras de cobertura da Europa. No entanto, trata-se apenas de uma ínfima parte do que já existiu. 90% desse tipo de habitats já foram perdidos devido a regimes intensivos de extracção, reflorestamento e drenagem.

As florestas naturais de caducifólias, que antigamente existiam um pouco por toda a parte, foram sendo abatidas ou substituídas por coníferas. Só 13% da região atlântica se encontram actualmente cobertos por floresta, normalmente para fins comerciais. Apesar disso, ainda existem na região parcelas mais naturais de floresta temperada, como os faiais acidófilos atlânticos, que constituem um importante refúgio para muitas espécies selvagens. Algumas florestas, como os bosques de teixos e os carvalhais antigos de folha caduca, que só se encontram no Reino Unido e na Irlanda, são endémicas da região atlântica.

## Mar de Wadden

O mar de Wadden é uma vasto território, constituído por uma paisagem de zonas pantanosas intertidais, sapais, enseadas, bancos de areia, angras e canais, que se estende por três países: Alemanha, Países Baixos e Dinamarca. A zona cobre mais de 25 000 km<sup>2</sup> e possui um imenso valor biológico e comercial. É igualmente a maior zona húmida da Europa e a maior extensão de sapais do mundo. As suas águas pouco profundas são importantes locais de alevinagem de espécies comerciais como o linguado, o arenque e a solha. Por seu turno, os seus extensos sapais são ricos em alimento para os milhões de aves que os procuram em várias épocas do ano. A costa acolhe também grandes concentrações de focas comuns.

No entanto, devido à sua localização numa das regiões mais densamente povoadas e exploradas da Europa, o mar de Wadden encontra-se sob grande pressão decorrente de todo o tipo de actividades, desde a exploração de gás à pesca e aos desportos aquáticos, passando pelo turismo e pelas manobras militares. A fim de assegurar a gestão sustentável desta vasta área, os três países assinaram um acordo para coordenar as respectivas acções de conservação e incluíram uma parte substancial da região do mar de Wadden na Natura 2000.



Fotografia © M.Stock /NFA www.wattermeerbilder.de



Muitos estuários na Escócia também são importantes reservas ornitológicas. Fotografia © Lorne Gill/Scottish Natural History



Regeneração de dunas, Picardia, França. Fotografia © Eurosite

## Aspectos ligados à gestão na região atlântica

A região atlântica é uma das zonas mais exploradas e com maior densidade populacional da Europa. A longa história de povoamento humano teve grande influência na evolução da paisagem rural. De início, uma parte considerável das terras foi transformada e utilizada para actividades agrícolas extensivas, em pequena escala, que ajudaram a criar habitats seminaturais de elevado interesse do ponto de vista da biodiversidade, tais como sapais, charnecas e prados, cuja diversidade de espécies se deve sobretudo a uma longa tradição de gestão extensiva e não invasiva.

Com o tempo, contudo, as práticas agrícolas tornaram-se mais eficientes e intensivas, e os habitats seminaturais desapareceram ou foram transformados para dar lugar às novas monoculturas em grande escala e sistemas intensivos de produção animal que agora dominam a maioria da paisagem rural, em detrimento dos habitats originais que foram desaparecendo. Hoje em dia, todos os habitats de interesse do ponto de vista da conservação foram fortemente reduzidos e só existem, na sua maioria, em pequenas bolsas isoladas, no seio de uma paisagem muito empobrecida.

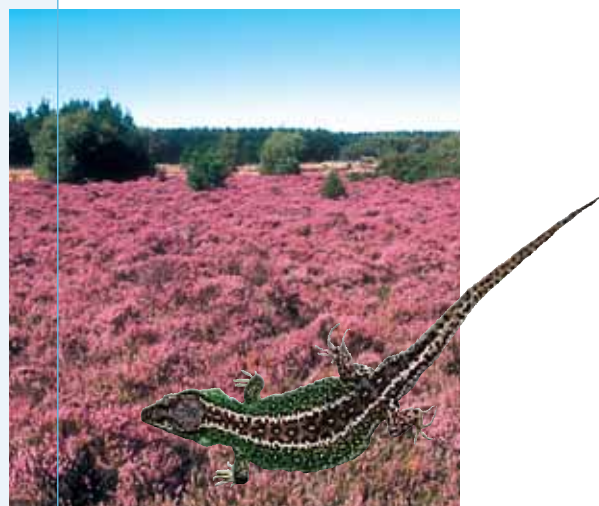
A utilização de pesticidas, fertilizantes e de estrume veio agravar o problema, provocando problemas de eutrofização e de aumento de nutrientes em zonas distantes dos sítios, por exemplo na foz dos grandes rios, como o Reno e o Ródano.

A primeira prioridade de conservação é, sem dúvida, proteger as zonas que restam dos efeitos de novos empreendimentos. Mas esta medida por si só não é suficiente, havendo que envidar outros esforços, em todo o território rural, para voltar a ligar entre si as preciosas zonas de habitat isoladas que ainda perduram.

### Charneca atlântica

Em tempos, as charnecas atlânticas cobriam grande área da região atlântica. Embora os solos fossem demasiado pobres para a actividade agrícola, contribuíram significativamente para a economia rural, fornecendo pastagens para bovinos e equídeos, turfa e tojo para combustível, etc. Essas actividades não invasivas resultaram em condições ideais para certas espécies de plantas e animais que passaram a depender das charnecas para a sua sobrevivência, como o noitibó, a cotovia, o lagarto-ágil ou as libelinhas.

Após a Segunda Guerra Mundial, contudo, as charnecas perderam o seu valor económico, cederam lugar ao reflorestamento em grande escala e a regimes de aperfeiçoamento agrícola ou foram abandonadas e tratadas como baldios. Consequentemente, a maioria dos países perdeu entre 80% a 90% das suas charnecas. Actualmente, as charnecas cobrem apenas 8% da região atlântica. Embora esta percentagem possa parecer elevada, mascara o facto de que a maioria dos sítios está altamente fragmentada e só existe em pequenas parcelas isoladas, com 10 a 50 hectares de extensão. Estão em curso esforços para voltar a ligar entre si estas parcelas, definindo assim zonas maiores e mais coerentes, graças à restauração de sítios existentes e à criação de charnecas nas áreas intercalares. Os resultados são encorajadores, por exemplo, no sul da Inglaterra, onde é de novo possível caminhar através de extensas áreas de charneca contínua.



Fotografia MAIN © Peter Creed, INSET © B. Gibbons/Natural Image

Esta estratégia é fundamental para assegurar a viabilidade ecológica dos sítios Natura 2000 a longo prazo.

Isto implica não só restaurar os sítios e reintroduzir práticas de gestão adequadas, mas também ligá-los entre si e adoptar uma abordagem mais ecológica em todo o território rural, por exemplo através do incentivo ou da manutenção dos traços característicos naturais dos locais, como sebes e corredores fluviais para as espécies migratórias, ou reduzindo a utilização de fertilizantes na perspectiva mais alargada das bacias hidrográficas. Só assim os habitats e as espécies terão alguma perspectiva de sobrevivência a longo prazo.

Outro grande problema da região atlântica é o aumento dos níveis de urbanização e de industrialização. Pelo menos 5% da zona é completamente artificial, coberta na sua maioria de betão ou edifícios. Nos últimos 20 anos, a rede rodoviária aumentou 30%, atravessando a paisagem em todas as direcções e contribuindo para fragmentar ainda mais as zonas de valor natural que perduram.

Com o aumento populacional junto ao litoral, a pressão é particularmente intensa na região costeira. O turismo e as actividades de lazer na orla costeira constituem um passatempo importante para milhões de habitantes das cidades. O desenvolvimento de inúmeros projectos turísticos conduziu à perda de praias de areia e de dunas. A prática intensiva de certas actividades (caminhada, caravanismo, golfe, desportos motorizados, navegação recreativa, etc.), veio agravar os problemas, provocando danos substanciais nos frágeis ecossistemas costeiros e marinhos.

As actividades industriais e a exploração comercial dos recursos naturais são os outros principais vectores da economia da região atlântica. Os seus mares possuem alguns dos mais abundantes bancos de pesca do mundo e são ricos em fontes de gás natural, agregados para construção e petróleo. Mais de 1 000 espécies piscícolas povoam estas águas, das quais 10% são capturadas para fins comerciais. Embora abundantes, os recursos haliêuticos ficaram sob grande pressão nos últimos anos devido à rápida expansão das frota de pesca industrial. A maior parte das unidades populacionais passaram a ser capturadas fora dos limites biológicos de segurança.

As modernas técnicas de pesca resultam também numa elevada taxa de devolução ao mar de peixes e outros organismos marinhos indesejados. Estima-se que mais de metade das capturas, em especial com redes de arrasto de fundo, seja composta por peixes demasiado pequenos ou de espécies que não são o alvo da pescaria em causa, como golfinhos ou tubarões. Estes animais são devolvidos ao mar, normalmente já mortos. Estudos realizados na Dinamarca indicaram que as capturas acessórias representam um grave problema, em especial, para a população de botos, afectando entre 5% a 7% da população. Estão a ser envidados esforços para tentar limitar as taxas de capturas acessórias das principais espécies de mamíferos marinhos a menos de 1% das suas populações estimadas, por exemplo através da colocação de dispositivos acústicos ou emissores de ruído nas redes, para os afastar.

Para além destas ameaças directas, os animais marinhos são igualmente afectados por níveis de concentração cada vez maiores de poluentes tóxicos como o PCB, o cádmio e o mercúrio, que se



Fotografia © El Correo Gallego

### Derrames de hidrocarbonetos no mar

As águas costeiras da região atlântica são atravessadas por algumas das vias marítimas de maior tráfego na Europa. Embora esse tráfego esteja regulado até um certo ponto, continuam a existir grandes preocupações sobre a segurança do transporte marítimo de hidrocarbonetos. Os recentes acidentes com o *Sea Empress* em 1996, o *Erika* em 1999, o *Prestige* em 2002 e o *Tricolor* em 2003 chamaram a atenção do mundo para as consequências devastadoras de um grande derrame de hidrocarbonetos. O acidente do *Prestige* ao largo das costas espanholas afectou, por si só, mais de 3 000 km do litoral, tendo provocado a morte a cerca de 300 000 aves e uma perda de receitas da ordem dos 5 mil milhões de euros. Este acidente atingiu directamente cerca de 30 000 empregados no sector da pesca e afins.

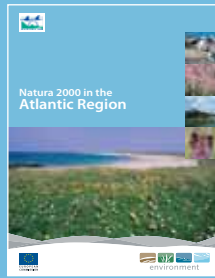
Desde então, os governos da UE têm vindo a reunir esforços para introduzir regras mais rigorosas para o transporte marítimo de petróleo bruto nas águas da UE, não só para evitar este tipo de catástrofes mas também para abordar o problema mais persistente das pequenas fugas e dos derrames de hidrocarbonetos ocorridos, por exemplo, durante as operações de limpeza dos navios, cujos efeitos são igualmente nocivos para o meio marinho.

acumulam nos seus organismos. Muitos desses poluentes provêm de descargas de efluentes perto do mar ou ao longo dos rios. A poluição de origem urbana, industrial ou agrícola é um problema generalizado nas águas costeiras. Infelizmente, os grandes *blooms* de algas e a contaminação dos bivalves e crustáceos continuam a ser situações comuns, apesar dos esforços para regular e reduzir os níveis de poluição.

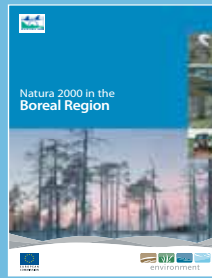
Atendendo a todos estes problemas, a União Europeia adoptou em 2008 a ambiciosa Directiva-Quadro Estratégia Marinha, com vista à protecção do meio marinho na Europa. O seu objectivo final é alcançar um bom estado ecológico em todas as águas marinhas da UE até 2021.

A aplicação da iniciativa Natura 2000 aos mares da região atlântica constitui um grande desafio, tendo em conta todo o tipo de pressões e actividades humanas, assim como a ausência generalizada de conhecimentos sobre o meio marinho, razão pela qual foram designadas enormes zonas que passaram a constituir sítios marinhos Natura 2000. Porém, são necessários esforços suplementares para completar a rede no que respeita à maioria das espécies e dos habitats marinhos.

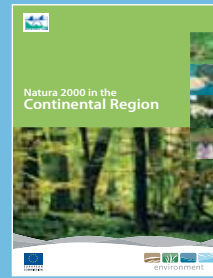
Nesta série:



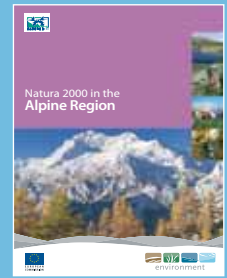
Natura 2000  
na região atlântica



Natura 2000  
na região boreal



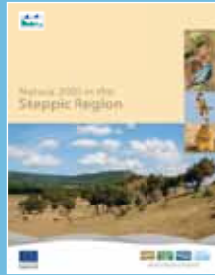
Natura 2000  
na região continental



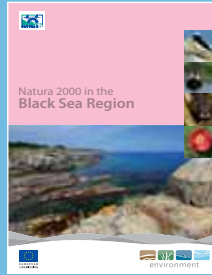
Natura 2000  
na região alpina



Natura 2000  
na região panónica



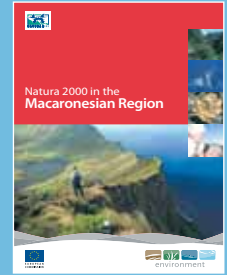
Natura 2000  
na região estépica



Natura 2000  
na região do mar Negro



Natura 2000  
na região mediterrânica



Natura 2000  
na região macaronésica



A União Europeia tem nove regiões biogeográficas, cada uma das quais com a sua mescla característica de vegetação, clima e geologia. Os sítios de importância comunitária são seleccionados em função de cada região, com base em listas nacionais apresentadas por cada Estado-Membro. Actuar a este nível facilita os trabalhos de conservação das espécies e tipos de habitats em condições naturais semelhantes numa série de países, independentemente das fronteiras políticas e administrativas. Juntamente com as zonas de protecção especial designadas ao abrigo da Directiva Aves, os sítios de importância comunitária seleccionados para cada região biogeográfica constituem a rede ecológica Natura 2000, que se alarga pelos 27 países da União.

